

## RESENHA

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 64 p.

Ioneide Marques Corrêa<sup>1</sup>  
Iris de Fátima Lima Barbosa<sup>2</sup>

A notória obra “O perigo de uma história única” de Chimamanda Ngozi Adichie (1977) é uma adaptação da conhecida conferência TED *talk*<sup>3</sup> (2009), que contabiliza mais de 28 milhões de visualizações, proferida pela premiada autora nigeriana. Disponível no Brasil na versão impressa desde 2018, o livro apresenta discussões sobre a problemática da representação única, geralmente estereotipada e utilizada para descrever ou mencionar realidades socioculturais distintas ao padrão hegemônico branco e eurocêntrico, proveniente dos discursos oficiais.

Chimamanda Ngozi Adichie é escritora e ensaísta, mestra em escrita criativa pela Universidade Johns Hopkins e também em história da África pela Universidade de Yale (Estados Unidos) e possui oito livros traduzidos no Brasil. Atualmente, ela é apontada no âmbito da literatura como uma das grandes jovens intelectuais do mundo contemporâneo. Em geral, suas obras tratam de dramas sociais nigerianos, denúncias de desigualdades, questões de identidade, étnica e de gênero.

No livro “O perigo de uma história única”, Adichie, já nas primeiras páginas, compartilha algumas experiências de sua infância com certa sensibilidade autobiográfica. Essas experiências lhe permitiram visibilizar a complexa e questionável representação única, desde o seu lugar de enunciação. Por exemplo, a autora, como leitora e escritora precoce, relata o seu contato inicial com a literatura europeia, cuja narrativas tratavam predominantemente de personagens com fenótipo branco que comiam maçãs, brincavam na neve e discutiam sobre o clima. Realidade totalmente distinta do seu país de origem, onde habitualmente se comem mangas, não há neve e falar a respeito do tempo não era necessário, como podemos observar no seguinte fragmento do livro:

Como eu só tinha lido livros nos quais os personagens eram estrangeiros, tinha ficado convencida de que os livros, por sua natureza, precisavam ter estrangeiros e ser sobre coisas com as quais eu não podia me identificar (ADICHIE, 2019, p. 13).

É importante mencionar que, no discurso da autora, percebemos a tensão e a crítica em relação ao - não- lugar que ocupa determinadas sociedades, geralmente oriundas de países terceiro-mundistas. Essas comunidades terminam subalternizadas histórico-socialmente a partir de uma narrativa oficial, que circula de maneira hegemônica em distintos espaços de saber.

Consequentemente, esse tipo de versão “superior” que existe sobre essas sociedades, como bem enfatiza Adiche, não condiz com a realidade do seu lugar de origem e termina provocando episódios de violências epistêmica e física, materializados por meio de ataques de racismos e xenofobias. Vale ressaltar que, tal problemática afeta também o autorreconhecimento e empoderamento de identidades e raízes culturais dessas comunidades,

---

<sup>1</sup> Estudante do Curso de Licenciatura em Letras Espanhol do Campus de Castanhal e bolsista produtor 2021 do Projeto de pesquisa “Tradução e cultura: debates sobre gênero em uma perspectiva interseccional na América Latina”, coordenado pela Prof<sup>ª</sup> Dra. Iris de Fátima Lima Barbosa. E-mail: ioneide.correa@castanhal.ufpa.br.

<sup>2</sup> Professora Doutora de Língua e Literaturas Hispanófonas do Curso de Licenciatura em Letras Espanhol da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Castanhal. E-mail: iris\_flb@hotmail.com.

<sup>3</sup> O TED (Technology, Entertainment, Design), se caracteriza por realizar e disponibilizar diversas conferências em Europa, Ásia e nas Américas.

principalmente das crianças, quando não há um contato com esses temas durante o processo inicial de leitura.

Em outro momento interessante da obra, Adiche relata o período em que deixou a Nigéria para estudar nas universidades dos Estados Unidos. A partir de uma perspectiva migrante, além de mulher negra e proveniente do continente africano, ela retrata vários episódios que vivenciou por pertencer a um território que ainda carrega distintos estereótipos (um lugar de profunda miséria assolado por catástrofes e doenças). Um dos exemplos descritos pela escritora é o impacto com que sua colega de quarto a recebeu, principalmente por observar que Adiche tinha fluência com a língua inglesa, aspecto que demonstrou o quanto sua companheira desconhecia o país da autora, já que uma das línguas oficiais desse lugar é o inglês, além do Yoruba, Igbo e Hausa.

Ademais, em outros episódios narrados ao longo do livro, a companheira de quarto também foi surpreendida ao saber do gosto musical que a autora cultivava pela artista estadunidense Mariah Carey, contrariando a ideia de que Chimamanda Ngozi só ouvia “música tribal” e que além disso, sabia utilizar um fogão:

Minha colega de quarto tinha uma história única da África: uma história única de catástrofe. Naquela história única não havia possibilidade de africanos serem parecidos com ela de nenhuma maneira; não havia possibilidade de qualquer sentimento mais complexo que pena; não havia possibilidade de uma conexão entre dois seres humanos iguais (ADICHIE, 2019, p. 17).

À vista disso, é perceptível a necessidade de se ampliar as investigações que problematizam e confrontam a representação única, para que possamos romper com a visão etnocêntrica que em geral se classifica como eurocêntrica, branca, cristianocêntrica, heteronormativa e patriarcal. Dessa forma, estaremos expandindo a concepção de que somos diversos e plurais.

Contextualizando para a nossa realidade brasileira, nesse território é muito comum ainda se deparar com discursos que reduzem a representação estereotipada de algumas etnias, no caso dos povos indígenas, perpetuam a imagem dessa comunidade como pessoas não habituadas ao trabalho, inferiores culturalmente e socialmente, assim como o histórico apagamento que sofreram na formação da sociedade brasileira, de acordo com os discursos oficiais. De maneira semelhante, os afrodescendentes sofrem com reflexos do período colonial, seguem marginalizados, menosprezados e subalternizados. Contudo, mantém-se a hegemonia das heranças europeias, revelando a desigualdade que existe nesse país.

A continuação, outra experiência importante que Adichie expõe em seu livro, ocorre no ambiente da universidade com relação à crítica recebida por parte de um professor sobre o seu romance. Ele verificou que havia a ausência do que denominou “autenticidade africana”, afinal “o professor me disse que meus personagens pareciam demais com ele próprio, um homem instruído de classe média: eles dirigiam carros, não estavam passando fome; portanto, não eram autenticamente africanos” (ADICHE, 2019, p. 21). Em outras palavras, a escritora apresentou sua vivência em uma perspectiva diferente do que esperava o docente, quer dizer, dos estereótipos a que habitualmente são vinculados os povos desse continente.

Importante é dizer que, Chimamanda também assume sua culpa no que se refere à história única ao relatar o seu olhar superficial a respeito dos mexicanos, considerados como sinônimo de migração. Esse tipo de representação é efeito das projeções apresentadas nos meios norte-americanos e que circulam a nível mundial, no entanto a autora consegue desmistificar essa problemática histórica quando visita a cidade de Guadalajara: “percebi que tinha estado tão mergulhada na cobertura da mídia sobre os mexicanos que eles haviam se tornado uma só coisa na minha mente: o imigrante abjeto. Eu tinha acreditado na história única dos mexicanos e fiquei morrendo de vergonha daquilo” (ADICHE, 2019, p. 22)

Nesse sentido, a formulação de padrões a respeito do outro está relacionada às histórias formuladas e repetidas em diferentes lugares, uma vez que, “é assim que se cria uma história única: mostre um povo como uma coisa, uma coisa só, sem parar, e é isso que esse povo se torna” (ADICHIE, 2019, p. 22).

Outro ponto importante da narrativa é a relação entre a história única e o poder que realiza a autora nigeriana, indicando que muitos estereótipos são consequência da influência do poderio econômico e político de uma nação em relação à outra, “o poder é a habilidade não apenas de contar a história de outra pessoa, mas de fazer que ela seja sua história definitiva” (ADICHIE, 2019, p. 23). Nessa perspectiva, muitos intelectuais questionam a autenticidade do que se propaga em discursos políticos e meios de comunicação, especialmente os pós-colonialistas. Ressaltando que o saldo de tal influência é o estabelecimento de representações únicas, simplificações, reduções e instauração de visões preconceituosas no que tange a nações culturalmente valiosas e diversificadas.

Dessa forma, Adichie corrobora que as histórias estereotipadas criam padrões. E principalmente, tiram a dignidade, a humanidade e a possibilidade da relação com o diferente, posto que

As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada (ADICHIE, 2019, p. 32).

Portanto, é fundamental observar que a escritora nigeriana realiza um importante exercício crítico sobre os distintos lados da história, lados que contrapõem a existência de uma única representação e um único discurso considerados por determinados setores sociais como oficiais. Vale recordar que para isso, a escritora utiliza o seu lugar de enunciação, onde a partir de sua própria história demonstra a importância de se ampliar as percepções sobre representações concretas de algumas realidades que não refletem a sua pluralidade.

Finalmente, corroboramos que esse livro além de possuir uma leitura clara e objetiva, possibilita aos leitores (acadêmicos e não especialistas no tema) observar a importância dessa discussão para a atualidade, onde enfrentamos tempos desafiadores, cercados de intolerância e radicalismos que assolam nossa sociedade. Além de nos alertar para a necessidade de aprimorar os nossos conhecimentos no que está relacionado ao outro, pois como afirma Adichie, “quando rejeitamos a história única, quando percebemos que nunca existe uma história única sobre um lugar nenhum, reavemos uma espécie de paraíso” (2019, p. 33). Por último, sua obra é um valioso convite para romper com as hegemonias herdadas e estabelecidas em sociedades ainda regidas por padrões da colonialidade do poder.

**Data de submissão:** 10. 12. 2021

**Data de aprovação:** 09. 02. 2022